

Clube de Paris rola US \$ 100 bi

Paris — O Clube de Paris, grupo informal de países credores que opera na maior discreção na capital francesa, cumpre um papel essencial na estratégia da dívida externa do Terceiro Mundo, de cerca de 1,3 trilhão de dólares, marcada por novas iniciativas em favor da redução do endividamento com os bancos privados.

Após as propostas da França e do Japão, os Estados Unidos, certamente traumatizados pelos recentes incidentes na Venezuela, acabam de se unir, através do secretário de Finanças, Nicholas Brady, à ideia de um apoio multilateral para a redução da dívida dos países de renda intermediária, essencialmente os latino-americanos, para com os bancos privados.

"A crise da dívida desses países é o pior dos problemas financeiros enfrentados pelas nações independentes desde a Segunda Guerra Mundial. A evolução catastrófica pode ser evitada graças aos esforços de todos: credores e devedores, instituições financeiras internacionais e bancos comerciais, sem afundamento do sistema financeiro mundial", avalia Jean Claude Trichet, diretor do Banco francês e presidente do Clube de Paris.

Trichet e Denis Samuel La-jeunesse, co-presidente do clu-

be, sublinham a "flexibilidade demonstrada no momento preciso pelos governos dos países credores". Como prova, assinalam que uma média de 14 bilhões de dólares anuais puderam ser reescalonados desde 1983, por meio do Clube de Paris.

Sejam africanos, latino-americanos ou, mais raramente, asiáticos ou da Europa Oriental, os países endividados que batem às portas do Clube de Paris são cada vez mais numerosos países por ano. O interesse é sempre o mesmo o reescalonamento do débito nas melhores condições possíveis.

As decisões do clube são tomadas por consenso e implicam um "compromisso moral" por parte dos países credores a respeito dos devedores. Desde a primeira reunião, em 1956, consagrada à Argentina, o clube conseguiu o reescalonamento de mais de 100 bilhões de dólares, dos quais 88,3 bilhões de 1983 até hoje.

"Ainda que saibamos que os nossos créditos não serão jamais reembolsados, a anulação pura e simples da dívida significaria um reconhecimento da falência desses países, que se veriam privados do crédito internacional", observa um especialista ocidental, destacando que

Cuba, que tentou mobilizar o Terceiro Mundo na direção do calote, está atualmente em negociações preliminares com o clube.

ONU

E de 870 milhões de dólares a dívida dos países membros da ONU para com a organização. Em relação ao orçamento deste ano, a dívida é de 522 milhões de dólares e 347 milhões correspondem a contribuições atrasadas de 65 países.

Os Estados Unidos devem quase 500 milhões de dólares, 216 do orçamento de 89 e 278 milhões em dívidas acumuladas de anos anteriores. O Japão não tem dívidas atrasadas e deve a contribuição de 85 milhões para este ano. A União Soviética, também sem atrasos, deve pagar cerca de 44,5 milhões em contribuições referentes a 89, informou no Rio de Janeiro o centro de informação das Nações Unidas. O relatório da ONU diz ainda que os países membros devem mais de 500 milhões de dólares às operações das forças de paz. Os Estados Unidos devem 140 milhões de dólares dos 372 milhões devidos à Unifil (forças de paz da ONU no Líbano), enquanto a União Soviética deve 108 milhões de dólares a essa mesma força.